

VIDAS TRANS(GÉNERO): INTERSECCIONALIDADE NOS DIÁLOGOS LATINOAMERICANOS

Chair: Liliana Rodrigues (lrodrigues@fpce.up.pt)

Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

A história das abordagens (bio)psicomédicas sobre as transexualidades não é recente. Desde a década de 1950, ela tem sido caracterizada por tentativas várias de classificação das pessoas trans. A par destes processos de categorização, as instituições e os discursos sociais, políticos e científicos têm contribuído para a discriminação e violência contra as pessoas trans. Ainda que assumindo contornos e dinâmicas diferenciados em função de contextos culturais específicos, a transfobia é um problema à escala mundial, não se circunscrevendo, portanto, aos contextos de vida mais próximos das pessoas trans. Em vários locais do mundo, as expressões e/ou as identidades trans suscitam fortes riscos de discriminação, violência e até morte. Entre 1 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2021, ocorreram mundialmente 4040 homicídios contra pessoas trans e com diversidade de género. Neste último ano, entre 1 de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021, foram registados 375 homicídios contra pessoas trans a nível mundial. Destes 375, o contexto Latino-americano continua a ser o que mais mata pessoas trans (e.g., Brasil – 125; México – 65). Uma vez que as opressões estão interrelacionadas, a transfobia tem que ser situada no pano de fundo das estruturas ideológicas que a criam e reforçam, e no seio das quais se destacam o sexismo e o binarismo de género - i.e., a estipulação de entendimentos rígidos e polarizados sobre o que significam “ser homem” e “ser mulher”. Sustentada por uma perspetiva crítica feminista trans interseccional, o presente simpósio visa aprofundar a reflexão crítica acerca das vivências das pessoas trans e dos contextos de exclusão aos quais estas estão sujeitas, ao mesmo tempo que problematiza as principais necessidades e especificidades deste grupo social a fim de contribuir para a implementação de políticas públicas e para o desenvolvimento de posicionamentos psicológicos promotores da diversidade de género e da justiça social.

Palavras chave: trans(género), psicologia crítica, direitos humanos, feminismo trans, interseccionalidade.

DUALISMOS QUE (DES)ENCAMINHAM: VIVÊNCIAS DE MÃES E PAIS EM TORNO DOS PERCURSOS DE FILHOS/AS TRANS

Catarina Rêgo Moreira¹ (catarinarmoreira@outlook.pt), Nuno Santos Carneiro²,
Liliana Rodrigues³, & Conceição Nogueira³

¹Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto;

²Instituto Superior de Serviço Social do Porto e Centro de Psicologia da Universidade do Porto; ³Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de

Ciências da Educação da Universidade do Porto

Introdução: Portugal vivenciou nos últimos anos avanços consideráveis na legislação sobre direitos (humanos) das pessoas trans, acompanhados de planos, estratégias e campanhas de sensibilização. Contudo, persistem na sociedade portuguesa sinais de uma cultura tradicionalmente transfóbica e heteronormativa, onde a discriminação e a violência continuam a registar-se. As famílias, inseridas neste ambiente, nutrem o mito de um “destino” com expressões e desenvolvimentos de género conformes às expectativas sociais/culturais. As alterações legais não são suficientes para evitar rejeição familiar e não “regulam” os processos pessoais de aceitação. Objetivos: Pretendemos explorar discursos de figuras parentais de pessoas trans em processo de

transição corporal. Considerando o contexto hospitalar/clínico e seus agentes discursivos, quisemos perceber que influências e (in)suficiências trazem para os processos relacionais entre mães/pais e filhos/as e para os caminhos de elaboração de significados em torno dos percursos dos/as filhos/as discrepantes com os pressupostos de género sociais/culturais. Métodos: Os discursos de oito mães e dois pais foram recolhidos através de entrevistas semi-estruturadas e os dados analisados segundo o método da análise temática, numa abordagem crítica, construcionista social. Resultados: Destacamos quatro temas – Tomada de conhecimento; Adaptação ao novo nome e género do pronome; Adaptação às mudanças físicas; Interpretações e etiologias – que norteiam o percurso de mães e pais em direcção à aceitação. Percursos (des)encaminhados por alguns dos dualismos organizadores do entendimento ocidental das questões de sexo e género, que se colocam como impasses. O poder-saber médico surge como desbloqueador destes obstáculos. Conclusões: Os percursos das pessoas entrevistadas salientam a diversidade de vivências parentais e não se encaixam em modelos pré-existentes. Elencamos considerações para a prática clínica com pessoas trans e suas famílias, numa perspectiva reflexiva e comprometida com a mudança social, e sugerimos investigações futuras, focando abordagens interseccionais.

Palavras chave: Dualismos, Vivências, Mães, Pais, Trans

(DES)CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES DE HOMENS TRANS, ENTRE PORTUGAL E BRASIL

Matilde Soares¹ (matildesoaresbc@hotmail.com), Liliana Rodrigues², & Conceição Nogueira²

¹Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; ²Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Os estudos críticos de género têm negligenciado as masculinidades trans, tanto no campo das masculinidades – onde raramente são incluídos –, como nos estudos sobre pessoas trans – onde se verifica uma maior incidência sobre as mulheres. Ao criar um diálogo entre estas duas áreas de estudo, pretende-se ampliar a noção de masculino e quebrar o elo entre homens cis e masculinidades, demonstrando que a masculinidade não é algo que apenas alguns corpos específicos têm ou possuem, mas antes que pode ser expressa por uma variedade de corpos. Partindo de uma perspectiva construcionista, feminista trans e interseccional, pretendeu-se compreender como homens trans (des)constróem as suas masculinidades, enquanto têm de, simultaneamente, lidar com as pressões e expectativas impostas pela masculinidade hegemónica, que ditam o que é ser um “homem de verdade”. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 12 homens trans, em Portugal e no Brasil. Posteriormente, foi feita uma Análise Temática, segundo as propostas de Braun e Clarke (2006), que evidenciou como expressões tradicionalmente masculinas continuam a ser cruciais para a legitimação destes homens como “homens de verdade”. Assim, homens trans fazem várias negociações com a masculinidade hegemónica, nos seus processos de (des)construção enquanto homens. Estas pressões e expectativas podem resultar na necessidade de se provarem constantemente como “homens de verdade”, procurando, assim, (re)afirmar as suas masculinidades persistentemente. Por outro lado, a partir da libertação das pressões sentidas e da desconstrução e rejeição da masculinidade hegemónica, parece dar-se uma construção de masculinidades alternativas, livres e espontâneas, que procuram ser mais justas e igualitárias. Em suma, pretende-se visibilizar alternativas aos sistemas opressivos que moldam as vivências de homens trans, e que, no fundo, controlam e restringem a diversidade humana. É necessário, então, um maior e